

Expo 2017

Arquitetura como interface?

" As cidades também acreditam serem obras da mente ou do acaso, mas nenhum e nem outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas."

(Marco Polo em Cidades Invisíveis, Ítalo Calvino)

No sistema computacional a interface trata de representar visualmente, de forma simplificada ao usuário, o que a máquina registra combinando zero e um. Realiza a tradução do complexo para o simples e reduz as possibilidades do usuário se aproximar do núcleo do sistema.

É possível interpretar um homem aprisionado em uma caverna, onde tudo que conhece são sombras do mundo real, como o habitante de uma interface limitada ou uma realidade fictícia.

Em nenhum dos dois casos atinge-se a origem dos eventos, tornando impossível alterá-los, ou sequer compreendê-los em sua essência lógica.

Saber se estamos operando na realidade ou em sua interface é impossível. A consciência sempre será capaz de especular possibilidades mais profundas de compreensão. Assim o único perigo desta afirmativa reside em **assumir** que de fato estamos na interface. Essa afirmação carrega a certeza de que há algo além dela e que não a atingimos.

Assim quem lê a arquitetura através de interface é seu usuário. O arquiteto tem a missão de compreendê-la e subverte-la a partir do núcleo.

O mapa como interface

A partir de análises de projetos da cidade serão realizados questionamentos arquitetônicos, históricos e políticos afim de mapear, organizar, indexar, comparar e invocar a própria vastidão que a arquitetura busca operar.

Ao mesmo tempo que reconhecemos que existe um enorme ruído nos meios comuns de veiculação dos objetos arquitetônicos, a sua representação sem deformações de juízo (plantas baixas, cortes, perspectivas isométricas) são ferramentas pedagógicas e documentais das quais buscam codificar e regular os sistemas pelos quais a arquitetura então poderia ser abstratamente racionalizada. Quando difundida em comunhão com uma cultura contemporânea de imensa proliferação de imagens e efemeridades associadas ao virtual, a proposta de tal sistematização torna-se herculana na sua capacidade recursiva de sempre expandir-se para fora do escopo da pesquisa.

Por isso, a proposta de um MAPA, na sua forma diagramática mais reduzida, servindo para ilustrar a definição ou proposição inicial, onde sem representar a exata aparência do objeto analisado mostra o perfil ou o cenário geral, bem como exhibe o corpo e relações de suas várias partes. Uma forma de escape de uma análise presa à etimologia e à semiologia.